

Três Mulheres e suas Histórias de Amor: Stein, Yourcenar e Bishop¹

Tres mujeres y sus Historias de Amor: Stein, Yourcenar y Bishop
Three Women and their Love Stories: Stein, Yourcenar and Bishop

Telma Amaral Gonçalves

Resumo: neste artigo, é apresentada a trajetória amorosa de três pares femininos que viveram relações homoafetivas no século XX, formados por Gertrude Stein/Alice B.Toklas, Marguerite Yourcenar/Grace Frick e Elizabeth Bishop/Lota Macedo. Neste sentido, foram analisados o significado do amor e o impacto da escolha amorosa no âmbito pessoal e no contexto específico em que o par viveu, assim também seu cotidiano marcado por realizações, alegrias, conflitos e tensões.

Palavras-chave: mulheres, amor, homoafetividade.

Resumen: este artículo presenta la trayectoria amorosa de tres parejas femeninas que vivieron relaciones homoafectivas en el siglo XX, formadas por Gertrude Stein/Alice B.toklas, Marguerite Yourcenar/Grace Frick y Elizabeth Bishop/Lota Macedo. En este sentido, se analizó el significado del amor y el impacto de la elección amorosa en el ámbito personal y en el contexto específico en que vivía la pareja, así como su vida cotidiana marcada por logros, alegrías, conflictos y tensiones.

Palabras claves: mujeres, amor, homoafectividad.

Abstract: this paper focuses on the loving trajectories of three female gay couples – Gertrude Stein/Alice B.Toklas, Marguerite Yourcenar/Grace Frick and Elizabeth Bishop/Lota Macedo – who lived their homoaffective relationships during the 20th century. The meanings the couples assigned to love, the impact of their choices on their personal lives and on the context in which each couple lived as well as their everyday lives marked with achievements, joys, conflicts and tensions were analyzed.

Keywords: women, love, homoaffectivity.

Telma Amaral Gonçalves é Professora adjunto do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero (GPEM). **E-mail:** telmaral@ufpa.br.

¹ Texto originalmente publicado nos Anais do 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, ocorrido em novembro de 2012 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A republicação do texto na revista www.generonaamazonia.ufpa.br foi devidamente autorizada pela referida editora, a quem agradecemos. <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/249/232>.

COMO TUDO COMEÇOU

Neste artigo, analiso a trajetória de três escritoras que tiveram relações amorosas com outras mulheres formando parceiras durante um longo período de suas vidas. Trata-se, portanto, de um debate em torno da homoafetividade desde a constituição do vínculo amoroso que uniu o par, desdobrando-se para a vivência cotidiana, marcada por alegrias, realizações, conflitos e tensões.

Os pares amorosos a que me refiro são formados por Gertrude Stein, escritora norte-americana que se destacou pelo estilo bastante peculiar e cuja obra mais conhecida provavelmente é “A autobiografia de Alice B. Toklas”(1933)² – Alice foi sua parceira ao longo de trinta e sete anos de vida em comum. Outra parceria é composta por Marguerite Yourcenar, escritora francesa autora do romance histórico “Memórias de Adriano”(1995[1951])³ considerado um clássico. Ela viveu um relacionamento de quarenta anos com a professora universitária americana Grace Frick. E, por fim, a história da poeta norte-americana

² Stein, G. A autobiografia de Alice B. Toklas. Rio Grande do Sul: L&M Pockets, 2006[1933]

³ Yourcenar, M. Memórias de Adriano. São Paulo: Record, 1995[1951].

⁴ Amaral Gonçalves, Telma. “Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade”. Tese de Doutorado. Belém: UFPA/PPG-CS. 2011.

Elizabeth Bishop, a qual durante quinze anos viveu com Lota de Macedo Soares, uma brasileira pertencente à elite carioca. Em todos os casos, estas mulheres partilharam uma vida em comum, inclusive residindo no mesmo espaço físico e usufruindo de uma convivência com a elite intelectual e artística de sua época.

Antes, porém, de apresentar os dados acerca do universo dessas mulheres remeto o leitor para a gênese de meu interesse em investigar tão instigantes vidas.

Em minha tese de doutoramento intitulada “Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade”⁴, analisei o amor e as práticas amorosas – o discurso elaborado e expresso sobre ele, bem como sua prática atualizada mediante o estabelecimento de

diádes amorosas pertencentes ao universo homo e heterossexual. Para tal, trabalhei com dez parcerias, distribuídas, segundo o critério de gênero, da seguinte forma: três heterossexuais, três homossexuais femininas e quatro homossexuais masculinas – todas pertencentes a segmentos das camadas médias urbanas da cidade de Belém.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, utilizei nomes fictícios de parcerias históricas ligadas à literatura e eternizadas em filmes⁵. Desse modo, investiguei com profundidade a vida daqueles personagens que iriam me acompanhar ao longo da tese. Este trabalho demandou esforço e dispêndio de tempo com o qual eu não contava, mas ao mesmo tempo me permitiu o contato com um universo que sequer imaginava existir. Pude então no âmbito da tese reconstituir, ainda que de forma limitada, a história amorosa dos pares selecionados e estabelecer algumas correlações entre estas vidas e a de meus interlocutores originais identificando similaridades e discrepâncias. Foi exatamente este esforço que me fez refletir que essas outras histórias de amor dariam uma “tese” à parte, pois levantei dados substanciais que não foram explorados no trabalho final.

É este material – mais especificamente o universo homossexual feminino, nesse caso – que privilegio neste artigo, objetivando reconstituir/ analisar as histórias de amor destas parcerias cujos amores foram vividos intensamente dentro dos limites que o contexto histórico permitia. Todas têm rica trajetória de vida e, no campo amoroso, apresentam percurso diferenciado por estarem em desacordo com os padrões vigentes à época (e por que não dizer ainda hoje, de certo modo) de afetividade e de exercício da sexualidade. Além disso, foram mulheres expressivas na sociedade em que viveram, ganhando visibilidade pública e influenciando

⁵ Foram estes os pares que nomearam meus entrevistados na tese: Ennis Del Mar e Jack Twist, Alfred Douglas e Oscar Wilde, Armand e Albert, Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, Elizabeth Bishop e Lota Macedo, Gertrude Stein e Alice B. Toklas, Marguerite Yourcenar e Grace Frick, Charles Darwin e Emma Wedgwood, Tristão e Isolda e Anah Pereira de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco.

– no campo específico em que atuaram – a cultura de seu tempo, e muitas vezes estando à frente dela.

1. Seis Mulheres, Três Histórias de Amor

1.1 Gertrude Stein (1874-1946) e Alice Babbete Toklas (1877-1967)

Gertrude e Alice nasceram e foram educadas nos Estados Unidos. O par se conheceu em Paris, em 1907, e passou a viver junto dois anos depois, em 1909, somando trinta e sete anos de relacionamento.

Gertrude era filha caçula de empresários judeus e havia perdido a mãe para o câncer, aos quatorze anos; e o pai, aos dezessete. Nascida na Pensilvânia, morou na Áustria e depois na França, com o irmão mais velho, onde se estabeleceu definitivamente. Foi neste país que começou a tentar seriamente a carreira literária e a se interessar e adquirir

⁶ É sempre assim que ela aparece nas referências a seu nome, suas ou de outros.

⁷ Aliás, em algumas das crônicas escritas por Hemingway e reunidas depois na conhecida coletânea – que repete sua frase famosa sobre a cidade luz – “Paris é uma festa” (2000[1964]) – este autor apresenta um rico painel de sua relação com Alice e Gertrude, bem como do estilo de vida e da personalidade das duas e da importância e repercussão do movimentado “salão” da casa da escritora onde todos da chamada “geração perdida” eram recebidos.

obras de arte moderna o que se tornou uma paixão cultivada longamente. E foi também na França que adquiriu notoriedade como escritora.

Alice B. Toklas⁶ nasceu em São Francisco, Califórnia, em uma família judia de classe média. De modo semelhante à Stein, perdeu a mãe para o câncer aos vinte anos. Em viagem por Paris conhece Gertrude e se junta a ela e ao grupo de artistas expatriados com os quais esta mantinha estreita relação, a exemplo Picasso, Matisse, Hemingway e tantos outros⁷. Ela ficou fascinada por Gertrude, por sua aparência, voz e porte altivo, conforme relata: “as duas coisas dela que mais me impressionaram foram o broche de coral que usava e a voz” (STEIN, 2011, p.9).

Alice permanece na França e passa a morar com Gertrude assumindo a posição de secretária, amante, administradora da casa e, de certo modo,

da vida da escritora, pois é ela quem cuida de tudo que diz respeito não só ao cotidiano do par, mas também, gerencia a vida profissional de Gertrude. Cercadas por um círculo de amigos que se tornariam ilustres, elas desfrutavam constantemente da presença destes em casa, mas até disso Alice cuidava e tratava de despachar aqueles que considerava indignos do salão de Stein. Esta, por seu turno, habituada a ser cuidada e a deixar que os outros realizassem por ela as mínimas tarefas, cuidava apenas de sua produção literária o que não lhe exigia muito esforço, pois seu ritmo de trabalho era lento – ela apenas escrevia e Alice datilografava e traduzia se fosse o caso; além disso, Stein considerava-se um gênio e afirmava que “ser gênio leva muito tempo, você tem que ficar sentada por muito tempo, sem fazer nada, absolutamente nada” (*Apud* MALCOLM, 2008, p.45), preceito que ela seguia à risca.

Assim, mesmo se colocando fora dos refletores e à sombra de Stein, Alice desempenhava um papel central na vida de ambas e, em especial, na carreira literária de Gertrude que ela acompanhava com extremado zelo, mesmo depois que esta faleceu. A consagração de Stein se deu com a publicação, em 1933, da obra “A autobiografia de Alice B. Toklas” que dá visibilidade à Alice, mas sempre sob a pena de escritora de Stein, reproduzindo, desse modo, literariamente, o que foi a vida de ambas. Aliás, vida que também foi retratada em “O livro de cozinha de Alice B. Toklas” (1996[1954]), este escrito por ela mesma, tratando das memórias de suas vidas tomando por base as inúmeras receitas experimentadas por Alice ao longo dos anos de convivência do par.

Foram quase quarenta anos de convivência intensa –, que atravessaram a França ocupada pelos alemães – de uma vida partilhada em que Alice e Gertrude estiveram sempre juntas. Vítima de câncer, Gertrude sucumbe aos sessenta e oito anos, deixando Alice desolada. Ainda assim, continua exercendo o papel de administradora da obra de sua parceira. Foi difícil sua velhice em meio à pobreza, pois ainda que em testamento Gertrude tenha deixado para Alice parte de sua coleção de arte moderna, o usufruto desses bens só poderia ser em vida; e por morte, ficaria na posse do

sobrinho de Gertrude, o que impossibilitava a comercialização do acervo. Vale ressaltar que este sobrinho faleceu antes de Alice, tornando mais delicada a situação, pois agora eram vários herdeiros que monitoravam a herança. Em função disso, Alice sofreu inúmeras privações e teve que contar com a ajuda de alguns poucos amigos.

Para a posteridade, permaneceu Gertrude e sua obra; para os conhecedores da vida destas duas mulheres, ficou registrada uma singular história de amor.

1.2 Marguerite Yourcenar (1903-1987) e Grace Frick(1903-1979)

Marguerite e Grace conheceram-se em 1937, ocasião em que Grace, que era americana, estava em viagem pela França. Encantada por Marguerite, Grace se apaixona e passa com ela todo o restante de sua vida o que soma quarenta anos de relacionamento.

Marguerite era oriunda de uma família aristocrática e, tendo perdido sua mãe onze dias após o parto, foi criada pelo pai de quem recebeu uma educação clássica, complementada por inúmeras viagens pelo mundo. Desde jovem, passou a se dedicar à literatura, tornando-se uma escritora consagrada, a ponto de, em 1981, ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa.

Grace Frick também pertencia a uma família abastada do sul dos Estados Unidos e, tendo ficado órfã, cedo foi criada por um tio. Obteve diploma de Bacharel em Arte, em 1925, e Mestrado em Literatura Inglesa, em 1927, após o que tornou-se professora universitária.

Depois do contato inicial, Marguerite e Grace iniciam uma relação de amizade que resultou em algumas viagens que realizaram juntas. Primeiramente, Grace viaja com Marguerite pela Itália e pela Grécia. Depois será a vez de Marguerite visitar os Estados Unidos. O registro das diversas etapas das viagens realizadas por elas era feito por Grace que até o final de sua vida cultivou o hábito de anotar em agendas ocorrências do cotidiano, eventos, viagens e tudo aquilo que ela considerava significativo. O fato é que Grace estava apaixonada o que ela registra num bilhete

que envia a Marguerite no ano de 1938, no qual afirma: “So I love you, believe it or not” (Savigneau,1991, p.168). Esta, por sua vez, tinha estado recentemente apaixonada por seu editor que era homossexual e que não correspondeu ao seu amor, o que constituía para ela uma situação não de todo resolvida; apesar disso, e mesmo ciente do amor de Grace, ela mantém uma relação amorosa na Europa, desta feita com outra mulher.

No entanto, em 1939, devido à guerra que se alastra na Europa e da qual ela queria fugir, Marguerite toma a decisão de embarcar para os Estados Unidos para uma estadia de seis meses a um ano. Chegando lá, ela se instala no apartamento de Grace e elas de fato iniciam uma vida em comum primeiramente em Manhattan, depois em Connecticut e, definitivamente, no Maine, numa ilha chamada Montes Desertos, onde adquiriram uma casa denominada por elas de “petite plaisance”. Marguerite passou os dez primeiros anos de sua vida conjugal com Grace sem sair dos Estados Unidos, país do qual ela ganhou nacionalidade, mas que nunca foi verdadeiramente seu, pois ela possuía um vínculo muito forte com a Europa, além de ter um “espírito nômade” que a impulsionava a mudar sempre. Apesar disso, ela ficou com Grace e disse “eu não decidi nada, deixei-me levar”. Deixou-se levar, pelo amor, pela vida tranquila, pela solicitude sempre presente de Grace, pela possibilidade de dedicar-se inteiramente ao trabalho de escritora, enfim por tudo aquilo de bom que a possibilidade de ficar oferecia.

Na fase inicial, ela trabalhou como tradutora, fez alguns trabalhos jornalísticos, turnês de conferências até se estabelecer como professora universitária de literatura e retomar à vida de escritora. Grace, porque tinha interesse em reter Marguerite perto de si, cuidava de todos os detalhes da vida diária, assumindo os papéis de amante, ajudante, secretária e tradutora dos livros de Marguerite para o inglês – tarefas que ela desempenhou até ao final de sua vida.

Após dez anos de exílio nos Estados Unidos, Marguerite retoma seus contatos na Europa e passa a viajar regularmente para lá, sempre acompanhada de Grace da qual ela raramente se separava. Foram quarenta

anos de vida em comum, marcados pela “paixão inicial”, como disse certa vez Marguerite, e também por momentos de turbulência. Os anos mais difíceis foram especialmente os dez últimos em que Grace lutou bravamente contra um câncer, o que obrigou Marguerite a permanecer isolada da Europa, no que ela definia como uma “vida imóvel”, anos que coincidiram com seu apogeu como escritora e que geraram uma insatisfação contida como ela mesma diz: “não sei quando acabará essa má sorte. Pois é sempre má sorte estar imobilizada contra a sua vontade” (SAVIGNEAU, 1991, p.368). Nesse período, ela se recusou a deixar Grace, ainda que isso lhe fosse extremamente penoso, e permaneceu junto a ela até os últimos momentos, embora marcados por certa animosidade entre ambas – em parte, devido ao estado crítico de saúde de Grace entremeado de dores atrozes, ao temperamento e ao envelhecimento das duas que se encontravam, nessa altura, na casa dos setenta anos. A “má sorte” de Marguerite só acabou quando Grace foi vencida pela doença, deixando para trás quarenta anos de um amor que enfrentou alegrias e percalços, tranquilidade e tormenta, realizações e perdas.

1.3 Elizabeth Bishop (1911-1979) e Lota Macedo Soares (1910-1967)

Bishop, poeta norte-americana, viveu durante quinze anos uma intensa história de amor com a brasileira Lota Macedo. Foi um período marcado por muita alegria, mas também permeado por inúmeras dificuldades que separaram o casal.

Lota era oriunda de família aristocrática vinda para o Brasil no tempo da colonização. Nascida em Paris, falava fluentemente francês e português e dominava menos o inglês. No âmbito familiar, era vista como intelectual, anticonvencional e homossexual. Apesar de não ter cursado uma universidade, tinha conhecimentos profundos em vários campos, como arte, arquitetura e urbanismo, e era considerada pelos amigos uma mulher inteligente, espirituosa, sofisticada, generosa e determinada. Desgastada emocionalmente com a separação dos pais, resolveu morar

sozinha aos vinte e cinco anos, o que significou um pequeno escândalo na alta sociedade da época. Retornando de um período em Nova York, projetou e construiu casa própria, com ajuda de um arquiteto, no bairro de Samambaia, em Petrópolis, Rio de Janeiro – construção que se tornou um marco da arquitetura brasileira moderna.

Elizabeth ficou órfã de pai quando tinha oito meses e a mãe, que entrou em surto psicótico depois desse fato, passou o resto da vida em clínicas psiquiátricas e sem convivência com a filha, a qual foi criada inicialmente pelos os avós maternos, em seguida pelos os avós paternos e depois por uma tia materna. Bishop terminou os estudos e iniciou carreira como poeta e escritora. Tímida e insegura, sua trajetória foi marcada por estados depressivos, momentos nos quais ela recorria ao álcool, chegando a se internar várias vezes para tratamento.

A escritora chegou ao Brasil em novembro de 1951, passando, inclusive, por Belém e Vigia, conforme relata em uma de suas crônicas (1996, p. 135). Ela pretendia passar aproximadamente quinze dias, mas conheceu Lota e com ela permaneceu no país por quinze anos⁸. Hospedada na cobertura de Lota na praia de Copacabana, a atenção dispensada pelos brasileiros a encantou. Mais tarde, quando foi para a casa de Samambaia ainda em construção, Lota declarou-se apaixonada e pediu-lhe que permanecesse ali, dizendo que cuidaria dela e construiria um estúdio perto da casa no qual ela poderia se dedicar à poesia, o que de fato aconteceu. Elizabeth que se definia como “a pessoa mais solitária que jamais viveu” registrou em uma carta: “foi a primeira vez que alguém me ofereceu um lar, tanta coisa”, e considerou que estava “extremamente feliz pela primeira vez na vida”(GIROUX, 1995). Ao lado de Lota, ela viveu um dos períodos mais harmoniosos e produtivos de sua vida – escreveu parte substancial de sua obra nessa época – mas também um dos mais turbulentos.

⁸ O motivo inicial da permanência de Bishop no Brasil foi uma crise alérgica provocada por um caju.

Em 1960, Carlos Lacerda, amigo de Lota, tornou-se governador da Guanabara e a convidou para realizar uma obra pública, o Aterro do Flamengo, o que fez com que as duas tivessem que se mudar para o apartamento no Rio de Janeiro. Lota dedicou-se de corpo e alma a essa obra que se transformou num processo turbulento, agravado pelo fato de estar sendo encabeçado por uma mulher sem diploma universitário, gerando inúmeros conflitos com outros profissionais que participavam do projeto. A situação foi se tornando cada vez mais insustentável e o relacionamento das duas começou a sofrer um desgaste inevitável devido aos cinco anos de obras no Parque, com Lota trabalhando de doze a catorze horas por dia. Relegada, a poeta voltara ao álcool e não mais produzia. Mesmo assim, aceitou convite para dar um curso em Seattle, nos EUA.

Aliviada por afastar-se das turbulências políticas do Brasil, Elizabeth desejava que Lota estivesse com ela, mas Lota completamente envolvida com o projeto não se prontificou a viajar. Em face dessa situação, Elizabeth pretendia voltar para o Brasil e viver com Lota “para todo o sempre”.

Com a derrota do candidato de Carlos Lacerda em 1965, Lota foi retirada do comando dos trabalhos, o que resultou um colapso nervoso sendo ela hospitalizada. O médico pediu que Elizabeth se mantivesse afastada de Lota, a fim de que esta saísse da crise. Então, Elizabeth, que já havia retornado ao Brasil, viaja para Nova York.

Em setembro de 1967, Lota enviou um telegrama à Elizabeth Bishop dizendo que estava indo para Nova York encontrá-la. Elizabeth a recebeu no aeroporto e a levou para o apartamento que estava ocupando. Lota não estava bem e mostrava-se muito deprimida e fragilizada, física e mentalmente. Na mesma noite da chegada, Lota tomou um vidro inteiro de antidepressivos. Depois de uma semana em coma, seu coração parou. Só então Bishop comunicou a família de Lota no Brasil, o que lhe rendeu inúmeros constrangimentos e acusações de responsabilidade pela morte da parceira. Depois de quinze anos junto à Lota, Elizabeth se viu sozinha novamente e teve que dar curso à sua vida.

2. Falando de Amor

Falar do amor que marcou tão fortemente a vida dessas seis mulheres é falar de um tema cujo alcance ultrapassa os limites das relações amorosas em si ou propriamente ditas, além de que permite pensar/interpretar a própria vida social.

Do ponto de vista acadêmico, vale considerar que o tema só muito recentemente tem sido objeto de análise nas ciências sociais e, particularmente, na antropologia. Em contrapartida, literariamente o tema do amor e todas as suas variações tem sido explorado desde sempre. A que se deve essa espécie de descaso?

Em seu estudo sobre o discurso amoroso, Barthes (2003) se refere à forma como este é visto, o que remete, de certa maneira, ao que está sendo discutido aqui sobre o tratamento dado ao amor enquanto tema de estudo. Segundo o autor, apesar de ser falado por milhares de sujeitos, este discurso não é sustentado por ninguém, sendo “relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado, ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder; mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, arte)” (p. XVI). Ainda que este autor se refira ao discurso amoroso extraído da obra de diversos autores, é possível ampliar sua análise no sentido de pensar, também, o processo de discussão e tematização sobre o amor, assim também a dificuldade para lidar com temas do cotidiano aparentemente banais e sobre os quais parece que nada há a dizer (para muitos, nunca houve)- o que é discutido por outros autores como Alberoni (1979), Azevedo (1986) e DaMatta (1986), para citar alguns nomes.

Contudo, ainda que se possa pensar o contrário, o amor é um tema fecundo. Não o amor naturalizado ou romantizado que permeia o imaginário, mas o amor que se constrói diariamente na vida a dois, marcado por encontros e desencontros, por paixões e desencantos, por mudanças e acomodações, por realizações e frustrações. Enfim, um amor feito e vivido por pessoas reais.

2.1. Homoafetividade: visibilidade e ocultamento

Em se tratando das histórias de amor abordadas neste artigo, alguns aspectos precisam ser considerados. No que se refere à temporalidade, todas as parcerias investigadas viveram relações amorosas no século XX ainda que o par mais antigo, Stein/Toklas, se localize na primeira metade desse século, no período de 1909 a 1944, quando tinham trinta e cinco e trinta e dois anos, respectivamente; e as demais, na segunda metade: Yourcenar/Frick entre 1939 e 1979, ambas com trinta e seis anos, e Bishop/Macedo de 1951 a 1967, a primeira com quarenta e um e a segunda com quarenta e dois anos. É interessante observar que uma vez iniciado o relacionamento ou logo após, o par passa a residir junto, num regime de coabitação, em geral na residência de uma delas, situação que se prolonga até o término do relacionamento -- nos casos em questão, se deu em função da morte de Stein, Frick e Macedo, respectivamente.

No caso Stein/Toklas, é Alice quem passa a residir com Gertrude, a qual, apesar de americana (ambas o são), estava estabelecida em Paris. Com o tempo, elas mudam de residência (inclusive devido à Segunda Guerra Mundial), mas não se separam, ou seja, ao longo do tempo em que durou o relacionamento, elas partilharam o mesmo espaço. Semelhante situação é a de Yourcenar/Frick, que se conheceram também em Paris (Marguerite era belga e Grace americana) e depois de um período em que ambas realizam inúmeras viagens juntas, sobretudo pela Europa em razão da Segunda Guerra, se estabelecem nos Estados Unidos onde permanecem residindo durante o tempo de vida em comum. Neste caso, Marguerite migra para outro país e fica apartada de seus vínculos de amizade na Europa – condição referida como causadora de contrariedade. Do mesmo modo, a situação de Bishop/Macedo se assemelha à de Marguerite e Grace, pois Elizabeth, americana que era, chega ao Brasil como estrangeiro e sem dominar a língua nativa-aliás, dificuldade com a qual lidou durante os quinze anos que viveu com Lota.

Como se pode observar, estas mulheres viveram parcerias de longa duração e representavam a si mesmas como um casal, subvertendo o modelo afetivo-sexual vigente no período. Certamente, num círculo mais restrito e íntimo, tal qual o seletivo grupo de artistas- literatos, pintores e amigos - que frequentava a casa e/ou convivia com Stein/Toklas, Lota/Bishop e Yourcenar/Frick não se desconhecia que se tratava de um tipo particular de relação – uma relação amorosa vivida em toda sua intensidade. Isso não significa afirmar a inexistência de preconceito em relação à sociedade mais ampla⁹, ainda que nos documentos investigados¹⁰ não haja referências explícitas sobre isso.

Evidentemente, hoje, ao acessar a biografia dessas mulheres essa informação é sempre mencionada. Entretanto, no período em que elas viveram suas histórias de amor, certamente, diante da sociedade mais ampla, tiveram que ocultar, em alguma medida, o tipo de relacionamento que cultivavam entre si-, embora ao mesmo tempo em que o escondiam, o revelavam. Afinal, eram duas mulheres solteiras, sem vínculos amorosos com homens, e com aparência distinta do modelo de feminilidade em vigor. Por outro lado, como afirma Janet Malcolm, biógrafa de Stein “a palavra lésbica nunca foi pronunciada publicamente por nenhuma delas sobre sua relação” e, apesar de esse amor ter sido documentado em poemas

⁹ Trecho de uma matéria publicada no IG online sobre filme que conta a história de Bishop/ Macedo exemplifica o que estou discutindo. “Um diretor renomado (...). A protagonista é uma das atrizes mais disputadas do cinema nacional (...). O roteiro tem como tema central a história de amor entre duas figuras importantes(...). Com todos esses atributos é fácil imaginar que a produção do filme “Flores Raras”, dirigido por Bruno Barreto (...) não teria problemas para a captação de patrocínios. No entanto, (...) “Quando apresentamos o projeto para as empresas, dizem que a história é linda. Mas na hora de dar a resposta, tiram o corpo fora alegando que não podem atrelar a imagem da empresa a esse assunto.(...)”, contou Paula Barreto, da LC Barreto Produções”. (<http://ultimossegundo.ig.com.br/cultura/cinema/2012-05-31/homossexualismo-em-filme-com-gloria-pires-afasta-patrocinadores.html>).

¹⁰ Sobre Bishop/Macedo, acessei especificamente as obras “*Um Porto para Elizabeth Bishop*”, originalmente uma peça de teatro transformada em livro (GÓES, 2001), o livro “*Flores Raras e Banalíssimas, a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*” (OLIVEIRA, 1995), uma tese de doutorado “*Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*” (NOGUEIRA, 2005), o livro “*Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop*” (GIROUX, 1994) e a obra de Bishop “*Esforços do Afeto*” (BISHOP, 1996), o livro “*Duas Artes*” (MARTINS, 2006), o livro “*A arte de perder*” (SLEDGE, 2011), bem como o livro “*Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*” (BRITTO, 2012).

eróticos de Stein, estes só foram publicados após sua morte (2008, p.50). Em 1903, Gertrude produziu uma novela que ficou, segundo Toklas, “completamente esquecida” (STEIN, 2006[1933], p.89-90), em cujo enredo havia um triângulo amoroso feminino, sendo uma das personagens a própria Stein, o que gerou uma violenta crise de ciúmes quando o texto foi descoberto por Alice, conforme registros de estudiosos e biógrafos¹¹.

¹¹ Sobre Gertrude Stein e Alice Toklas, é também possível encontrar uma variedade de obras, dentre as quais acessei: “*Dois Vidas*” (MALCOLM, 2008) e “*A Autobiografia de Alice B. Toklas*” (STEIN, 2006[1933]), A autobiografia de todo mundo (STEIN, 2010[1937]) e “*O livro de cozinha de Alice B. Toklas*” (TOKLAS, 1996[1954]). Sobre o par Marguerite Yourcenar e Grace Frick, me foi útil a trilogia de Yourcenar composta de três obras: “*Recordações de Família*”(1974), “*Arquivos do Norte*”(1977) “*A eternidade, o que é?*” (1988), bem como a biografia “*Marguerite Yourcenar: a invenção de uma vida*” (SAVIGNEAU, 1990) e o livro “*De olhos abertos*” (GALEY, 1983) que menciona entrevistas com a autora.

Em se tratando de Yourcenar, Savigneau (1990) afirma que ela preferia usar o termo sensualidade em vez de sexualidade, e ao referir esse assunto em carta a uma amiga afirmou: “em matéria de vida pessoal é preciso dizer tudo, firmemente e sem equívoco possível, ou ao contrário, nada dizer”(p. 291). Ela era cautelosa diante do que chamava “escolhas sensuais”. Segundo Savigneau:

“O silêncio de Marguerite Yourcenar sobre sua preferência por mulheres, que muitas vezes foi imputado a uma finura que não seria muito de seu feitio, era antes uma clara convicção de que a liberdade legitimamente reivindicada de não mais esconder o próprio modo de vida coexistia com a liberdade, do mesmo modo legítima, de nada dizer a respeito”(p. 292).

No caso específico de Yourcenar, houve preocupação em deixar para a posteridade o que considerou pertinente revelar. Assim, ao escrever a própria biografia, imprimiu uma versão pessoal dos fatos que viveu: “estou em melhor situação do que ninguém para saber que os biógrafos, mesmo quando não são voluntariamente malévolos, enganam-se quase sempre, porque só tem sobre as pessoas de quem falam informações superficiais” (*apud* SAVIGNEAU, 1990, p.15). Além disso, no último ano de vida, destruiu numerosos documentos que

foram queimados na lareira de sua casa; também fez um inventário de todos os documentos pessoais aos quais o público poderia ter acesso após sua morte-- registros estes a ser liberados, segundo determinação dela, após transcorridos cinquenta anos de seu falecimento, ou seja, no ano de 2037.

Elizabeth Bishop, durante o tempo que esteve no Brasil, manteve uma extensa correspondência¹² com amigos, incluindo sua terapeuta, em que falava claramente de Lota, de suas alegrias e dos problemas quando estes começaram a surgir. Ela também escreveu vários poemas em que aborda o amor entre mulheres, a exemplo o “É maravilhoso despertar juntas” (2012), conforme trecho reproduzido a seguir:

¹² O Livro “Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop”, organizado por Robert Giroux, cobre o extenso período que vai de 1934 até 1979. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

“É maravilhoso despertar juntas
 No mesmo minuto; maravilhoso ouvir
 A chuva começando de repente a crepitar no telhado,
 Sentir o ar limpo de repente
 Como se percorrido pela eletricidade
 Numa rede negra de fios no céu.
 No telhado, a chuva cai, tamborilando,
 E cá embaixo, caem beijos brandos.(...)”

Não podendo aparecer claramente ou se apresentar como uma parceria amorosa, ou podendo aparecer apenas de certa forma especial, particular, que na verdade não revela e sim oculta (ou quer ocultar, mas revela), os pares homossexuais encontram formas de se apresentar ou de se representar socialmente a exemplo dos registros fotográficos.

No caso das mulheres mencionadas aqui, foi possível encontrar fotografias em que o par “aparece junto”, em espaços públicos e também na intimidade do lar, mas as fotos pouco revelam a não ser para aqueles que sabem que se trata de duas mulheres que têm um relacionamento amoroso, pois o que vemos nelas são duas mulheres – dependendo de

quem olha, duas velhas – em espreguiçadeiras, duas mulheres passeando na rua com um cão, nos degraus de um avião, duas mulheres numa grande

¹³ Existem muitos registros fotográficos disponíveis na internet e nas obras consultadas que retratam essas mulheres. Identifiquei mais frequentemente imagens de Gertrude e Alice juntas em várias situações e épocas, mas nunca como um par amoroso no sentido que tenho referido. Mais escassas são imagens em conjunto de Elizabeth e Lota.

sala, bastante ataviada, sentadas em sofás que se posicionam em extremidades opostas¹³.

Malcolm, referindo-se a uma famosa fotografia tirada na sala da casa onde residiam Gertrude/Alice, faz a seguinte observação:

“Elas estão sentadas a uma mesa baixa, uma de cada lado, em frente a uma lareira sobre a qual se vêem quadros modernistas – Gertrude gorda, bonitona, confortável e benevolente; Alice magra, feia, tensa e amarga. A fotografia é uma espécie de paródia do retrato, comum na sociedade convencional, do marido e da mulher em casa – ela cintila aparências mantidas e frases jamais ditas, características do gênero” (2008, p. 50).

2.2. Vida Cotidiana: o que cabia a cada uma

Ainda sob o prisma da vida cotidiana, é interessante observar como esses pares organizaram suas vidas no sentido do que cabia a cada uma realizar. Gertrude e Alice, por exemplo, partilhavam conjuntamente da vida pública, mas no âmbito privado era Alice quem administrava as questões domésticas, desde as tarefas do dia-a-dia até à organização da agenda de sua parceira, participação em eventos, recepção de amigos em casa etc. Gertrude realizava, exclusivamente, o trabalho de escritora, pois até seus manuscritos eram datilografados por Alice.

Marguerite e Grace tinham uma rotina semelhante já que era Grace quem cuidava das questões da vida cotidiana, das inúmeras viagens que fizeram, da tradução de seus trabalhos para o inglês - e isso ela fazia com competência e extremo controle. São famosas as inúmeras agendas ao longo da vida em comum, nas quais era anotado com minúcia tudo que se referia à vida cotidiana. Por outro lado, Yourcenar administrava a própria vida profissional com rigor tanto na escrita quanto na negociação com os

editores de suas obras, assim também exercendo atividades extras como professora, ministrando cursos em universidades. Para Grace, era fácil assumir a tarefa de administração do cotidiano já que nos Estados Unidos, seu país de origem, ela se sentia no controle e fazia questão que assim fosse evitando, inclusive, o retorno de Marguerite à tão amada Europa.

Já no caso de Elizabeth e Lota, a situação era bem diversa. Lota pertencia à elite carioca acostumada a ser servida e viver dentro de padrões bem acima da média das demais pessoas. Para as questões da vida cotidiana, ela contava com empregados que realizavam as tarefas fundamentais. Ademais, era uma mulher extremamente independente e ativa. Uma tarefa que monitorava de perto era a construção de sua casa em Samambaia. Era quem lidava com os operários, sendo comum vê-la entre eles dando ordens e administrando de perto a construção. Ao assumir parte das obras do aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, dedicou-se inteiramente a essa tarefa. Elizabeth, por sua vez, era uma mulher tímida e insegura, que falava o português de forma rudimentar e, portanto, não poderia pelo seu próprio perfil e pelas barreiras linguísticas ter uma atuação mais ampla, ainda que coubesse a ela administrar suas atividades como escritora. Era essa sua principal atividade. Lota construiu na casa um estúdio em que ela podia trabalhar sem ser incomodada e ali ela ficava, sentindo-se solitária e, muitas vezes, deprimida e infeliz. Apesar disso, foi no Brasil que ela produziu grande parte de sua expressiva obra.

2.3. As Inconstâncias do Amor

Como todo e qualquer relacionamento, estas histórias são recheadas de momentos de grande alegria e felicidade, amizade e companheirismo, de apoio incondicional e de valorização do outro. O encontro inicial, nos três casos, se deu numa fase de maturidade, a paixão, o desejo de ficarem juntas, o início da vida a dois marcado pelos rituais amorosos, pelos mimos, cartas de amor e apelidos íntimos e amorosos usados para se referir às suas amadas/amantes. Neste sentido, foi possível identificar, por exemplo, que

Marguerite era chamada pelo diminutivo “Grete”, por sua parceira Grace durante um determinado período que correspondeu aos anos de 1948-1950. Marguerite por sua vez ao redigir o nome de Grace, sempre escrevia “Grâce” que correspondia no francês à palavra graça. Savigneau (1990) na biografia de Yourcenaur afirma: (...)

“A propósito, pode-se notar que Grace e Marguerite sempre permaneceram fiéis ao costume americano dos cartões que se envia pelo São Valentim a quem se ama. Mesmo nos piores momentos de sua vida em comum, nos últimos anos. Como se o rito, testemunhando o que foi, continuasse a dar-lhes uma existência no presente” (p. 365).

Elizabeth Bishop, numa das únicas cartas de que se tem registro (segundo GIROUX,1995, p.499 a maioria foi queimada pelas suas rivais), se refere à Lota como “querida”; por sua vez, Alice B. Toklas chamava a escritora Gertrude Stein de “baby”.

Em contrapartida havia também inúmeros conflitos que geravam tensões que se não chegaram a separar os pares, causaram desconforto e sofrimento. Em Gertrude e Alice, assim como em Marguerite e Grace, eles eram motivados em parte pelo excessivo controle que ambas exerciam sobre a vida de suas parceiras, visto que cuidavam de tudo referente à casa e influenciavam também a atividade profissional. Essa tensão assumiu maiores proporções em Marguerite e Grace que nos últimos dez anos de vida em comum, período em que Grace lutou bravamente contra um câncer, se transformou em hostilidade declarada. Se por um lado havia a doença e todas as suas nefastas consequências, por outro havia a impossibilidade de Marguerite ausentar-se dos Estados Unidos em direção à Europa, embora isso fosse seu maior desejo ela se manteve solidária a Grace e permaneceu junto a ela até o último momento.

Em se tratando de Elizabeth e Lota, as tensões começaram nove anos depois de iniciado o relacionamento, período em que Lota assume a obra do aterro do Flamengo e se envolve tanto emocionalmente quanto fisicamente com esta atividade o que fez com que elas mudassem para

o apartamento no Rio de Janeiro. Bishop não gostava de morar no Rio, preferia a casa de Samambaia, mas teve que ir acompanhando Lota. Ademais, passou a ficar muito tempo sozinha porque Lota sempre estava envolvida com o trabalho. Como não tinha amigos no Brasil, a não ser os amigos de Lota, a situação foi se tornando insuportável. Nesses momentos, entrava em depressão e bebia o que gerava inúmeros transtornos. Lota sempre a apoiou, mas estava completamente absorvida pelo trabalho e não podia se fazer presente como Bishop precisava. Nessa fase crítica, Elizabeth viajou algumas vezes para os Estados Unidos aceitando ministrar alguns cursos em universidades, mas sua extrema insegurança lhe causava muitos sofrimentos. Foram anos difíceis para as duas. Lota tendo que lidar com inúmeras frustrações em função das disputas políticas que envolviam o trabalho do Aterro; ela que sempre foi acostumada a vencer não soube lidar com as perdas. Bishop, por sua vez, a vida inteira tendo que lidar com perdas e sempre insegura em relação ao que era capaz de fazer, soube lidar melhor com as dificuldades, o que ela bem expressa em seu poema “Uma Arte”.¹⁴

A arte de perder não tarda aprender;
 tantas coisas parecem feitas com o molde
 da perda, que o perdê-las não traz desastre.
 Perca algo a cada dia. Aceite o susto,
 de perder chaves, e a hora passada embalde.
 A arte de perder tarda aprender.
 Pratica perder mais rápido mil coisas mais:
 lugares, nomes, onde pensaste de férias ir.
 Nenhuma perda trará desastre.
 Perdi o relógio de minha mãe.
 A última ou a penúltima, de minhas casas queridas foi-se.
 Não tarda a aprender, a arte de perder.
 Perdi duas cidades, eram deliciosas.
 E, pior, alguns reinos que tive, dois rios, um continente.
 Sinto sua falta, nenhum desastre.
 – Mesmo perde-te a ti (a voz que ria, um ente amado) mentir não posso.
 É evidente: a arte de perder muito não tarda a aprender,
 embora a perda – (*escreva tudo*) lembre desastre.

¹⁴ Bishop, Elizabeth. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Apesar das inconstâncias do amor, nos três casos aqui analisados, a relação durou “até que a morte as separasse”. Quando isso ocorreu, colocou-se um problema que hoje tem sido objeto de debate no campo da homoafetividade e que se refere à situação financeira da parceira que fica e do usufruto dos bens que aquela que partiu deixou. Excetuando-se o par Marguerite/Grace, pois Marguerite na condição de escritora tinha rendimentos de suas obras e sobreviveu a Grace, tanto Alice quanto Elizabeth enfrentaram inúmeras dificuldades.

Gertrude possuía uma coleção invejável de obras de pintores modernos avaliada em uma pequena fortuna. Antes de morrer, ela deixou o usufruto de seus bens para Alice enquanto ela vivesse com possibilidade de transformar algumas obras em dinheiro. Com sua morte, os bens passariam para a mão de seu sobrinho. Ocorre que o sobrinho faleceu antes de Grace e surgiram outros herdeiros preocupados em preservar o futuro patrimônio. Alice se viu, assim, impossibilitada de negociar o que quer que fosse. Para garantir a subsistência, ela contou com a ajuda de amigos e chegou a vender às escondidas algumas gravuras de Picasso. Considerando-se que ela morreu aos noventa anos e sobreviveu vinte e um anos além de Gertrude, pode-se avaliar parte das dificuldades que enfrentou pois Gertrude não lhe deixou qualquer garantia futura, depois de trinta e sete anos de vida em comum.

Elizabeth Bishop também sofreu pressão por parte dos familiares de Lota, apesar da situação ser diferente, pois sendo escritora reconhecida tinha uma produção literária constante, ainda que em grande parte da vida tenha vivido de subsídios, bolsas e dos prêmios que recebia. O fato é que ela foi muito pressionada, acusada, abandonada e transformada em “bode expiatório” por quase todos os que amavam Lota. Ela expõe longamente esse pesar, nas cartas que escreveu a alguns amigos: “[...] Você imagina o que é chegar ao único lar (perdoe o sentimentalismo, mas é verdade) que eu já tive neste mundo e constatar não apenas que ele não era mais meu - isso eu já havia aceito – mas também que estava quase completamente vazio?” (GIROUX,1995, p.543). Os amigos levaram o que

puderam, até as fotos, “isso depois de eu viver todos esses anos com Lota” (idem)- lamenta Bishop.

Ficaram, para todas, as lembranças, as saudades, a memória de um tempo vivido, de um amor que nada pode apagar.

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. Portugal: Bertrand, 1979.
- AMARAL GONÇALVES, Telma. *Falando de Amor. Discursos sobre amor e práticas amorosas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, UFPA/PPGCS, 2011.
- AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BISHOP, Elizabeth. *Esforços do afeto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BRITTO, Paulo Henriques. *Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DAMATTA, Roberto. Prefácio. In: AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- GIROUX, Robert. *Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GALEY, Matthieu. *De olhos abertos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- GÓES, Marta. *Um porto para Elizabeth Bishop*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.
- HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000[1964].
- MALCOLM, Janet. *Dois Vidas. Gertrude e Alice*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- MARTINS, Maria Lúcia Milléo. *Dois Artes. Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

NOGUEIRA, Nádia. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*. Tese de Doutorado. São Paulo: Campinas, 2005.

OLIVEIRA, Carmem L. *Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SAVIGNEAU, Josyane. *Marguerite Yourcenar. A Invenção de uma Vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

STEIN, Gertrude. *A Autobiografia de Alice B. Toklas*. Porto Alegre: L e PM editores, 2011[1933].

_____. *A Autobiografia de todo mundo*. São Paulo: CosacNaify, 2010[1937]

SLEDGE, Michael. *A arte de perder*. Leya, 2011.

TOKLAS, Alice B. *O livro de cozinha de Alice B. Toklas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996[1954].

YOURCENAR, Marguerite. *O labirinto do mundo I. Recordações de família*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1974.

_____. *O labirinto do mundo II. Arquivos do norte*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

_____. *O labirinto do mundo III. A eternidade, o que é?* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.